



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA
ISSN 2525-3441

DOI: 10.18764/2525-3441V10N25.2024.18

A Temporalidade do Chicle: uma leitura da Crônica de Clarice Lispector, medo da eternidade

The Temporality of Chewing Gum: a reading of Clarice Lispector's Chronicle, Fear Of Eternity

Maria Regina Coelho Costa Moraes

<https://orcid.org/0009-0008-3898-7230>

Sonia Maria Correa Pereira Mugschl

<https://orcid.org/0009-0000-3819-3328>

Monica Fontenelle Carneiro

<https://orcid.org/0000-0003-0233-3450>

Resumo: Este artigo versa sobre o tempo e a temporalidade na crônica Medo da Eternidade de Clarice Lispector, que se imbricam em uma interdependência para marcar a sucessividade dos acontecimentos. Evidenciaremos que tanto um quanto outro revelam o momento de ocorrência dos fatos não apenas por meio das desinências verbais, mas também por outros elementos que marcam circunstâncias, momentos e perpassam por lugares privilegiados, entre eles, as noções metafóricas de vida e de concepções, que, na mencionada narrativa, são representadas por um chicle em função de sua durabilidade. Por isso, a percepção de tempo vai além, alcançando uma dimensão temporal medida por lembranças, sentimentos, ausências, comportamentos, ações, palavras, falas. Apresentamos, assim, um recorte da pesquisa de Mestrado em andamento, na qual objetivamos desenvolver um trabalho que manifeste a complexidade do tempo, principalmente quando se trata de textos literários. Não só os tempos verbais dão conta de sustentar a temporalidade que transcende o verbo. Nesse viés, precisamos enveredar pela concepção da Linguística Aplicada Indisciplinar, (Lopes, 2006) porque a noção de temporalidade atrai a de gramaticalização (Neves, 2002) pela qual o processo de leitura precisa considerar para a categoria tempo, não apenas o verbo, mas as expressões e, inclusive, as metáforas que contêm a noção de permanência, durabilidade que, por sua vez, guardam fases iniciais e duradouras. Estamos aplicando como metodologia da descrição linguística 'indisciplinar' que reúne o tempo linguístico e outras expressões temporais em Medo da Eternidade de Clarice Lispector, crônica publicada em 1970. Nessa perspectiva, enveredaremos pelo tempo de acordo com Paul Ricoeur (1994, 2010) e os outros teóricos: Benveniste (2006), Ilari (2014), Terra (2015), Todorov (2014), a partir da morfologia do verbo em Português.

Palavras-chave: tempo; tempo linguístico; temporalidade; gramaticalização

Abstract: This article discusses time and temporality in Clarice Lispector's chronicle Fear of Eternity, which intertwine in an interdependence to mark the succession of events. We will show that both reveal the moment in which events occur not only through verbal endings, but also through other elements that mark circumstances, moments and permeate privileged places, among them, the metaphorical notions of life and conceptions, which, in the aforementioned narrative, are represented by chewing gum due to its durability. Therefore, the perception of time goes beyond, reaching a temporal dimension measured by memories, feelings, absences, behaviors, actions, words, and speeches. Thus, we present an excerpt from the Master's research in progress, in which we aim to develop a work that manifests the complexity of time, especially when dealing with literary texts. Not only verbal tenses are capable of sustaining temporality, which transcends the verb. Thus, for methodological purposes, an analysis will be carried out in the aforementioned chronicle, which will not be exhausted here, and which will delve into the forms of expression of time, with the scope of temporality. In this regard, we need to follow the conception of Indisciplinary Applied Linguistics (Lopes, 2006) because the notion of temporality attracts that of grammaticalization (Neves, 2002), through which the reading process needs to consider for the category of time not only the verb, but also the expressions and even the metaphors that contain the notion of permanence, durability, which, in turn, keep initial and lasting phases. We are applying as a methodology the 'indisciplinary' linguistic description that brings together linguistic time and other temporal expressions in Fear of Eternity by Clarice Lispector, a chronicle published in 1970. From this perspective, we will explore time according to Paul Ricoeur (1994, 2010) and other theorists: Benveniste (2006), Ilari (2014), Terra (2015), Todorov (2014) based on the morphology of the verb in Portuguese.

Keywords: time; linguistic time; temporality; grammaticalization



INTRODUÇÃO

O tempo desafia a todos: a ciência, as diversas áreas do conhecimento e os que o têm como objeto de estudo. É indispensável que ultrapassemos o pragmatismo para entendermos a força que esse elemento marcador de eventos opera em todas as instâncias da vida, por isso não podemos esvaziá-lo das situações cotidianas, repletas de experiências acerca desse tão relevante balizador dos instantes ou dos intervalos da vida. É que entendemos que o tempo interessa a todas as esferas que envolvem as investidas do ser humano. Em Bakhtin (2011, p. 225), por exemplo, podemos perceber essa dimensão na capacidade

“[...] de ver o tempo, de ler o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os *indícios do curso do tempo* em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos). O tempo se revela acima de tudo na natureza: o movimento do sol, das estrelas, o canto dos galos, os objetos sensoriais, visíveis das estações do ano; tudo isso, em uma relação indissolúvel com os respectivos momentos da vida humana, dos costumes, da atividade (do trabalho), constitui o tempo cíclico em um grau variado de intensidade (Bakhtin, 2011, p. 225).

2

O tempo físico desafia o tempo linguístico. Ao propormos uma leitura de *Medo da Eternidade* de Clarice Lispector, em que é narrada a história de uma criança que sente medo diante da possibilidade de estar experimentando, por meio de um *chicle*, a obrigação da experiência eterna, estamos, também, evidenciando a forma como o tempo pode se apresentar em sua durabilidade por meio da permanência, apesar do fim de cada evento. A protagonista pensa a vida, a partir da experiência do chicle e faz uma instigante provocação sobre o fato de que o passado pode se fazer presente.

Investigar como expressamos esse paradoxo por meio da língua, como o pensamento escorre nos sintagmas de um rio caudaloso espreado pelo texto é o que nos inspira a escrever este artigo. Temos vivido a experiência de ver a língua não sustentar o peso do tempo somente nas desinências verbais e investigado outras noções pelas quais podemos seguir esse rio a escorrer pela existência dos sentidos que invadem os textos.

Neles “a estética se movimenta pela teimosia de dizer o que não se consegue e que conduz a espaços insondáveis da memória” (Almeida, 2017, p. 62). E

ficamos diante do jogo da temporalidade de um momento que não é organizado assim quanto se pensa. Podemos fundamentar as considerações feitas por meio de Bentivoglio e Andrade (2023, p. 84) que afirmam que a temporalidade é um elemento de base na História e na Literatura. E, por meio dessa base, é possível ter acesso às várias experiências humanas, que captam sensações diversas: temores, desejos, angústias, paixões, ódios.

E, assim, o tempo se torna narrável através das diversas impressões experienciadas por um sujeito. E, conforme Ricoeur (1994, p.84-85), “a narrativa se constrói a partir da ordenação temporal da ação humana, e a leitura de textos literários faz com que sua narrativa transcorra em um tempo diferenciado, especial”.

Não poderia ser diferente a escolha do texto de aplicação para a leitura e discussão da relação entre tempo e temporalidade em um jogo da gramaticalização especial, sobretudo quando é literário. Este artigo selecionou a crônica de Clarice Lispector (1970) por encontrar em sua construção um ponto indisciplinar para onde convergem várias disciplinas linguísticas e filosófica e sociológicas. Procura responder como essa complexa temporalidade se constrói para além dos morfemas desinenciais de modo e tempo; quais outros elementos entram na composição da temporalidade. Para isso propõe levantar expressões que marquem o presente, o passado, o futuro e o infindável na gramaticalização que a cognição desencadeia.

3

1 O TEMPO – CONCEITOS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS NORTEADORES

Diante das possibilidades de mensuração do tempo, postulamos que ele permeia várias experiências, entre elas a que sai das mãos de Deus, conforme Fiorin (2021, p. 113), marcando a gênese de sua existência, quando escreve que “Deus criou o tempo, ao criar o mundo; no primeiro dia, criou o dia e a noite” e, inerente a essa experiência, citamos (Abraçado, 2020) o nascer e o pôr do sol, a mudança de posição da lua em intervalos regulares e também como os animais, em seu ciclo de vida, nascem, crescem, desvanecem e desaparecem. Para Fiorin (2021, p. 125), Deus cria o tempo, ao criar o mundo, assim como criou os espaços e os seres e, dessa forma, as categorias da enunciação que surgem ao serem enunciadas.

As formas verbais, conjugadas em seus tempos dentro narrativa, sinalizam as ações da personagem que relata os acontecimentos situados, também, no pretérito perfeito para que o leitor tome conhecimento dos fatos, e ainda se manifestam no presente, quando são resgatados por essa personagem os momentos em que ela vivia e as circunstâncias manifestadas por meio da fala. Esses termos verbais conjugados e indicadores do tempo linguístico indicam a fala, o ato da enunciação na comunicação intratextual e ordenam os fatos ocorridos, que se organizam pela gramática normativa, cuja finalidade, de acordo com Neves (2002, p. 39), é dar a formalização de estudo e emprego das categorias linguístico-gramaticais. Nessa fundamentação, o verbo apresenta-se como um dos elementos caracterizadores desse tempo linguístico na narrativa *Medo da eternidade*, responsável pelo encadeamento dos fatos e pela retomada deles no exercício de sua função dêitica. Quanto a essa relação temporal, postula Benveniste (2006, p. 74-75):

O que o tempo linguístico tem de singular é o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso. Este tempo tem seu centro – um centro ao mesmo tempo gerador e axial – no presente da instância da fala. Cada vez que um locutor emprega a forma gramatical do “presente” (ou uma forma equivalente), ele situa o acontecimento como contemporâneo da instância do discurso que o menciona.

4

A partir do que ressalta Benveniste, o tempo linguístico representado, neste trabalho, pelo verbo torna-se um simbolismo intratextual (Todorov, 2014, p. 219) que conduz todos os momentos experienciados, por exemplo, pela personagem no texto *Medo da eternidade*, de Clarice Lispector.

Nessa percepção, podemos relacionar os fatos com o tempo crônico, que, de acordo com Benveniste (2006, p. 71), “é o tempo dos acontecimentos, que engloba também nossa própria vida enquanto sequência dos acontecimentos”, e este tempo é o responsável por nos dar uma visão de mundo e, também, de nos permitir saber de nossa existência pessoal e da volatilidade dos fatos. Para esclarecer ainda mais essa concepção, afirma Benveniste (2006, p. 71):

O observador, que é cada um de nós, pode lançar o olhar sobre os acontecimentos realizados, percorrê-los em duas direções, do passado ao presente ou do presente ao passado. Nossa própria vida faz parte destes acontecimentos, que nossa visão percorre numa

direção ou em outra. Neste sentido, o tempo crônico, congelado na história, admite uma consideração bidirecional, enquanto que nossa vida vivida corre (é a imagem recebida) num único sentido. A noção de acontecimento aqui é essencial.

Tudo se constrói e se reconstrói com base em um determinado momento. Sobre essa visão, muitos estudiosos se detiveram em compreender os movimentos que se formam, integram-se e se desintegram por meio dos eventos. Martins (2004, p. 64 apud Abraçado 2020, p. 15) afirma que, “na visão platônica, um ponto importante a ser destacado é a maneira como a ideia de tempo é associada à ideia de mudança, enquanto a eternidade atemporal é caracterizada pela imutabilidade”. Segundo Paul Ricoeur (2010, p. 33), “o tempo não pode parar, o movimento sim, pois o tempo, então, se descreve como aquele que vai medir a duração dos acontecimentos. E ele avança sobretudo no que dele depende”. Ainda, para Abraçado (2020, p. 16):

O tempo, por conseguinte, é entendido como a quantidade de movimento segundo ‘um antes’ e ‘um depois’. O passado e o futuro, portanto, são ligados por um agora que, embora não seja o tempo em sua totalidade, permiti-nos estudá-lo, uma vez que, em sua totalidade, por ser limitado, o tempo não pode ser captado pela mente humana.

5

Sob essa perspectiva, entendemos que se ater ao tempo nem sempre significa compreender a ideia de duração, de momento(s), de instante(s), mas sim ter um ponto de partida que norteará o antes e o depois, com projeções que se desvanecem pela incerteza da realização dos fatos. Isso acomete os acontecimentos de oscilações.

No âmbito linguístico, a demarcação de um antes e um depois, entre outros marcadores, constitui-se por meio dos tempos verbais que se identificam nas desinências. Contudo, essas desinências não podem interromper ou limitar a ideia de tempo, como sendo as únicas formas de reconhecimento do presente, passado, futuro, embora essas delimitações, por meio das classificações morfológicas, sejam marcadores que constroem um paradigma para outros modos de operar e de se perceber a demarcação temporal dos fatos. Esta é alcançada em outros aspectos variáveis, em outras recorrências temporais, como, por exemplo, o tempo crônico, aqui já referido, sobre o qual afirma Benveniste (2006, p. 72):

Em todas as formas de cultura humana e em todas as épocas, constatamos de uma maneira ou de outra, um esforço para objetivar o tempo crônico. É esta uma condição necessária da vida das sociedades, e da vida dos indivíduos em sociedade. Este tempo socializado é o do calendário. Todas as sociedades humanas instituíram um cômputo ou uma divisão do tempo crônico baseada na recorrência de fenômenos naturais: alternância do dia e da noite, trajeto visível do sol, fases da lua, movimentos das marés, estações do clima e da vegetação, etc.

Com essa percepção abrangente sobre o tempo, é notório que esse objeto em estudo ultrapassa as noções acerca do linguístico objetivado nas terminologias gramaticais de presente, pretérito e suas variações, futuro e suas variações, que modelam a forma dos acontecimentos e os enquadram em um limite de classificação morfológica.

O tempo, que é também uma categoria da língua, tem como função situar o momento dos acontecimentos que se interrelacionam, em que cada um assume uma posição temporal em seu transcorrer. E, nessa modelação, ele é responsável por estabelecer e situar os fatos em uma narrativa, em um poema, colocando o personagem ou o eu lírico como espectadores das vibrações e das ações do momento que se operam sobre eles, e ainda como expectadores do que ocorrerá, embora sem a certeza das presumidas realizações dos fatos. A enunciação se constrói dentro dessa perspectiva, a qual o tempo habita e nela se instala, tendo-a como um ponto de chegada, partida e de continuidade. E a enunciação (o dizer em tempo 'presente para estabelecer a comunicação) é medida pelo tempo linguístico sobre o qual pontua Terra:

Quando falamos em tempo, estamos nos referindo ao tempo linguístico e não ao tempo físico ou cronológico. Tempo físico é o intervalo entre o início e o fim de um movimento. Usamos, por exemplo, o tempo físico para marcar o dia e o ano, levando em conta a duração do movimento da Terra em torno de seu próprio eixo e em torno do Sol (24 horas e 365 dias, respectivamente). Tempo cronológico é aquele que estabelece uma sucessão a partir de um marco de referência, como o nascimento de Cristo, por exemplo. O tempo cronológico é marcado pelo calendário. O tempo linguístico é aquele que é estabelecido pela enunciação (Terra, 2015, p. 40).

Assim, o tempo linguístico vai construindo o discurso, e o tempo físico não se permite influenciar pelos acontecimentos da vida humana. Ele tem seu caráter

linear; enquanto o tempo cronológico mede a sequência dos acontecimentos, sendo medido por questões históricas para marcação dos fatos por meio dos dias, meses, anos.

O tempo linguístico, este com suas entidades morfológicas, representa o tempo físico e crônico por meio dos tempos verbais em sua indicação temporal para o estabelecimento de uma ordenação dos fatos que têm o presente como marco de uma anterioridade e de uma posterioridade.

Deparamo-nos, diante dessa percepção, com a temporalidade que, conforme Ricouer (2010, p 119), “é o fenômeno que apresenta semelhante de um por- vir que torna presente no processo de ter-sido”, que nos faz enfatizar essa natureza que tem o tempo de não se limitar às formas verbais, mas de mover-se livremente em espaços, ou por meio de outros elementos linguísticos ou não, que não limitam a defluência dos eventos.

Assim, percorremos e percorreremos o tempo em busca do próprio tempo, não para alcançá-lo e dar a ele uma definição ou compreendê-lo de forma absoluta ou estanque, mas para apresentar suas fascinantes e fundamentais facetas e seus desdobramentos, especialmente no verbo, que, conforme Benveniste (2006), é o apoio linguístico que mais o acolhe e possibilita, em combinação com outros termos explícitos ou construídos pelo contexto, interpretações sugestivas.

7

3. APLICAÇÃO DA NOÇÃO DE TEMPO E TEMPORALIDADE EM MEDO DA ETERNIDADE DE CLARICE LISPECTOR (1970)

O objeto de interesse deste artigo é o tempo linguístico, mas está para além de suas relações com os tempos verbais. Está no processo de gramaticalização, em um ambiente indisciplinar, não porque não tenha uma disciplina, mas porque articula várias, inclusive dentro da Linguística e se põe a explorar cada uma em uma relação intercomplementar. Realiza a descrição linguística incluindo cognição, metáfora, literatura, linguagem simbólica, linguística textual e outras áreas como a filosofia, a sociologia, a condição da mulher tão representada nos contos de fada, em um ponto de convergência que gira em volta da imagem da experiência de ‘mascar uma bala eterna’.

E assim começa a crônica: “Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.” A primeira surpresa é que a narradora poderia ter dito por relação metonímica que ela nunca esqueceria sua primeira experiência concreta

com o tempo, ou com o que não pode acabar. Ela rompe com o tempo linguístico sempre tão associado às desinências modo-temporais e usa o substantivo eternidade que dissolve o modo como cronologicamente temos a competência de organizar o agora, o antes e o depois, todos finitos, e lança o leitor no campo da infinitude:

- Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.
- Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.
- Não acaba nunca, e pronto.

Diante da infinitude da bala que é a retirada do fim de algo que a enchia de expectativa, a menina fica perplexa. O fato de ser uma memória da infância tratada de forma trágica e aflitiva cria uma ambiência que dá sinais de que no ambiente do texto literário acaba sendo criada uma metáfora: “mascar a bala eterna”, a que precisa durar para sempre, cria uma situação similar a outra que o próprio texto dirá: o reino de história de príncipes e fadas, onde acontece a paixão, a pastilha cor-de-rosa, o elixir do longo prazer, o milagre do desejo de ser para sempre, tão inocente por acreditar na possibilidade de um mundo impossível:

- Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual já começara a me dar conta.

No mundo real, a expectativa de casar com o príncipe encantado é tão bom quanto a experiência da bala. Cor-de-Rosa. Cheia de doçura e da expectativa do para-sempre. O sempre dissolve o tempo na temporalidade assim como o faz a eternidade. Assim como é esperado do chiclé. Que seja eterna a felicidade que nunca se acaba:

- Acabou-se o docinho. E agora?
- Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade, eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser

bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

A bala não é mais cor-de-rosa. Está sem sabor, mas a experiência não pode acabar. O fim do prazer da experiência não corresponde ao fim da experiência. O prazer acaba, a experiência continua. O fim é finito em parte, mas permanece mesmo que não seja. O passado é passado em parte. E o presente continua sem ser mais, mesmo que permaneça sob a mesma denominação. Não existe aí uma marcação linguística que o verbo sustente, mas existe a temporalidade desconexa da experiência humana que tira as delimitações do lugar, dissolve as fronteiras, os marcos finais são independentes do passado.

O *chicle*, depois de saboreado e ao atingir o estado de irreversibilidade insípida, é considerado símbolo do tempo eterno e representa a temporalidade. Balizou as emoções e reações da personagem que se viu absorta e presa em um momento absoluto e imutável, tragando-a para uma imobilidade e limitação irremediáveis, sem recuo ou avanço. Estamos diante das metaforizações do *chicle*, por ele ser o limite entre o dinamismo e a paralisação do curso da vida; por sair do doce rosa sabor, antes desejado e cheio de vitalidade; por seu insípido estado de borracha, que é estável em sua composição.

Em um momento de enunciação, nesta instância, a personagem, em seu estado presente, vivendo esse “tempo básico do discurso” (Ricoeur, 2010, p. 107), depara-se com a possibilidade de ver estagnada a vida, sem avançar com deslocamentos que ensejem transformações ou transcursos para outras fases. Nessa conjunção entre tempo vivido e tempo supostamente paralisado pela força da eternidade, conforme simbolizado no *chicle* já sem sabor, configura-se a impossibilidade de mensuração da passagem dos momentos da vida, o que inquieta e aflige a personagem.

Nessa perspectiva aliam-se a ação do tempo paralisado, que pressiona a personagem, e a imobilidade das ações acionadas na percepção da protagonista, que se revela impossibilitada de agir sobre o estado do *chicle*, que se cristaliza e estanca todo um processo de mudanças que o próprio tempo poderia proporcionar a ela. Sua constatação de que a eternidade poderia ser exatamente um tempo infinito, sem avanços, já desgastado e sem sabor, que se perpetuaria, suscita angústia:

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar. Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o *chicle* mastigado cair no chão de areia. – Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza (Lispector, 1970, p. 2)

Ainda que, no texto, os tempos verbais não sejam, categoricamente, os elementos linguísticos únicos sobre os quais recaem maior incidência da temporalidade, eles, como percebemos, em sua (Neves, 2010, p. 117) sistematicidade pelos ditames da gramática normativa, ordenam as ações enunciadas pela protagonista. Esta que vai narrando, com ênfase, os acontecimentos mais relevantes, situando-os no pretérito imperfeito conforme aqui situados, na seguinte passagem: “Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar” (Lispector, 1970, p. 2).

Progressivamente, o *chicle* coopera para a mudança de fases da vida da protagonista, assim como a ação do tempo em todos os momentos da existência. Inicialmente. Inicialmente, vive o deslumbramento conforme o que nos apresenta o fragmento:

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual já começara a me dar conta (Lispector, 1970, p. 2)

Na percepção da protagonista, o tempo, em outro momento de sua experiência, revestiu-se de uma realidade jamais experienciada, por interromper o curso dos fatos que, nesta condição, deixam de se transformar naturalmente, como tudo, nesta existência, que recebe a ação do tempo. E esse tempo sem movimento, experienciado pela protagonista ocorreu por meio de um *chicle* não estava sendo mais prazeroso, como se percebe nesta passagem extraída do texto:

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade, eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito (Lispector, 1970, p. 2).

No texto em análise, o elemento *chicle* corrobora a indicação de tempo. E, nesta crônica, esse elemento carrega semanticamente o dizer e os dizeres daquilo que a eternidade representa para a personagem, que contraria a percepção dessa infinitude como (Santo Agostinho, 2017, p. 316) “símbolo de esplendor”, mas que vai ao encontro da ideia de que ela é (Santo Agostinho, 2017, p. 316, XI) “sempre imóvel”.

Por meio do *chicle*, a ideia tempo se prolonga para a perpetuidade, pois metaforiza um tempo que não se acaba nunca, que se desgasta, perde o sabor e o sentido, tornando-se um importante ponto de partida e fundamento para se analisar o tempo na perspectiva do eterno e da temporalidade. Esse *chicle* é a palavra que, por seu sentido e por ser um elemento de degustação, cujo sabor se modifica para uma experiência insípida, dá maior ênfase à condição de perenidade.

Chicle vem inundado de expressividade temporal. Essa metaforização, que se expressa a partir desse elemento, leva-nos a uma reflexão sobre o universo intertextual (Eco 2004, p.128) relacionado ao extratextual, pois da intertextualidade, conforme Eco (2004, p.128), também podem ocorrer as “metáforas de metáforas – interpretáveis não apenas e tão-somente à luz de um suficiente conhecimento intertextual”. O *chicle* é metáfora do tempo que metaforiza a própria vida.

Nessa perspectiva, o *chicle* é singularizado como elemento representativo da temporalidade, como um signo de uma enunciação porque também se caracteriza como um norte da vida da protagonista, nessa relação de dependência a partir da transformação pela qual ela passa. A relação entre um sistema de signos e outro sistema, como objetos, fatos, estados, coisas, é que o signo assume sua função referencial, que se dá por meio dessa interação. Essa interação entre o signo e os elementos composicionais de outros sistemas é que vai dar ao signo sua referência (Mari, 2008, p. 11).

O sentido do tempo vai se delineando, dessa forma, no *chicle* em uma sequência de eventos norteadores dos fatos que vão envolver os momentos que levam a personagem a ter dois momentos contraditórios em sua vida. Assim, são estabelecidos os arranjos do código por meio dos quais se orienta o alcance de determinados efeitos de sentido (Mari, 2008, p. 140) estabelecido na *bala* que se torna *eterna*.

Quanto à escolha das palavras para representatividades simbolicamente emblemáticas, ao fazerem abordagem sobre a ficção literária e a ficção na História, Bentivoglio e Andrade (2023, p. 25) consideram que:

A escolha das palavras em títulos, subtítulos, nomes de personagens, lugares, mas também sua disposição e arranjo ao longo do texto, apontam que cada palavra é uma seleção, resultado de algum tipo de raciocínio e de algum trabalho de construção. Ou seja, antes de mais nada, as palavras são a base essencial na qual se constituem os caminhos e a disposição feita pelos autores, o uso de uma e não de outra, como uma escolha na qual se informam horizontes distintos e se sinalizam finalidades diversas.

Assim, podemos associar o dizer dos autores à escolha da palavra *chicle* pela autora Clarice Lispector no texto *Medo da eternidade* por, assim, expressar, com relevância, uma intenção de apresentar uma simbologia para o tempo, pois no *chicle*, em sua natureza composicional, está o látex, que vem simbolizar, no texto, simultaneamente, o que dura para sempre (a matéria) e o que é efêmero (o sabor da vida), em sua condição fugidia: duas realidades que envolvem a vida do ser humano, representativas do tempo.

E a eternidade, esta, que causa estranheza na personagem da crônica, para Ricoeur (1994, p. 42), apresenta uma distinção em relação ao tempo, ainda que aquela seja a extensão deste e aborde sobre o contraste do que dura para sempre; e, dessa forma, afirma que “o tempo está na alma e encontra na alma o princípio de sua medida que basta amplamente a si mesma”.

Nesse sentido, leva-nos a pensar sobre as diversas ações desse elemento em estudo no texto. Acerca dessa questão que envolve a eternidade e o tempo, Ricoeur (1994, p. 43-44) afirma:

O que é posto, confessado, pensado, é, num só jato, o contraste entre a eternidade e o tempo. O trabalho da inteligência não se refere absolutamente à questão de saber se eternidade é. A anterioridade da

eternidade com relação ao tempo - num sentido de anterioridade que fica por determinar - é dada no contraste entre “o ser que não foi feito e que contudo é” e o ser que tem um antes e um depois, que “muda” e que “varia”.

O tempo, esse fenômeno, existe e existirá sempre, porém não permite que seja acompanhado por todos os seres existentes sem que estes não sejam afetados por uma transitoriedade, por mudanças, por desgastes. E com essas elucubrações, Ricouer (1994) busca aprofundar a temporalidade através da própria experiência do tempo e ancora-se, dessa forma, a temporalidade por meio do tempo marcado pelos idos, vividos e vivências.

O *Medo da eternidade* de Clarice Lispector é um texto literário, por isso nos permite compreender o jogo metafórico que se estabelece através da palavra *chicle* que simboliza a eternidade e marca um tempo (e a temporalidade) em que a protagonista experiencia sensações marcadamente tão contraditórias, como podemos constatar nos fragmentos a seguir:

– Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual já começara a me dar conta. [...]

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade, eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito. (Lispector, 1970, p. 2)

O *chicle*, delineador da temporalidade na narrativa em apresentação, que tem como fundamento o tempo, reafirma-se no dizer de Ricoeur (1994, p. 85) que, ao lado dos tempos verbais (presente, passado, futuro), os quais podem trazer muitos significados nem sempre expressos, há a localização do tempo em palavras – reafirmamos, aqui, o *chicle* como tempo linguístico –, frases, orações, parágrafos, havendo entre todos esses elementos uma unidade de integração para moldar o tempo, a temporalidade e sua duração.

2 O VERBO – OS TEMPOS VERBAIS NA CATEGORIA MORFOLÓGICA COM AVANÇO A OUTROS MEANDROS TEMPORAIS

As orientações e vivências linguísticas passam por todo um processo em que se agregam os fatos de uso da língua e da linguagem e, nessa dialética, os fatos linguísticos para uso sistematizado se organizam e se definem por meio de uma gramática que, conforme Neves (2002, p. 36), os investiga e, também, apresenta-os com a finalidade de expô-los. É que a gramática tem esses elementos como objeto específico de exame (Neves, 2002), dando a eles uma natureza particular e os dispõe em categorias.

Essas categorias organizam o conhecimento que temos de uma língua e o nosso conhecimento de mundo, pois somos colocados diante uma vastidão de informações as quais se programam em nosso cérebro por meio dos elementos linguísticos que precisam de uma base, de um sistema que os organize. É que levamos “em conta que os falantes não combinam os elementos do modo como querem, já que sua língua apresenta restrições quanto a esse processo” (Martelotta, 2023, p. 43).

E a gramática nos apresenta essas categorias e essa base, pois, segundo Perini (2014, p. 58), “a gramática é uma disciplina científica, pois tem como finalidade o estudo, a descrição e a explicação de fenômenos do mundo real”.

Por meio das categorias, vão se constituindo as caracterizações dos fenômenos linguísticos dadas a eles conforme sua classificação e função de acordo com parâmetros estruturais que definem suas especificações dentro de um discurso pelas quais os gramáticos e os linguistas são responsáveis (Neves, 2002, p. 39). Nesse aspecto, dá -se a formalização de estudo e emprego das categorias como o artigo, o verbo, a conjunção, assim como outras classes, ou entidades da língua (Neves, 2002, p. 39), que vão se definindo. De acordo com Neves e Casseb-Galvão (2014, p. 13):

Quando falamos ou escrevemos, há uma intensa atividade mental na qual são acionados os sistemas linguísticos: o léxico, a semântica, a gramática e o discurso. São sistemas delimitados por categorias que seriam governadas por um dispositivo sociocognitivo: social, porque se assenta nas representações linguísticas das categorias cognitivas. Vem declarada, pois, a existência de uma base teórica que leva a uma postulação da língua rotulada como “abordagem multissistêmica”.

Dentro desse parâmetro, em que se dá a organização dos fenômenos da língua, temos que o caráter social atribuído à língua corrobora ordenações dos elementos linguísticos seja em uma perspectiva tradicional ou em uma fluidez de base funcionalista e, conforme Neves (2010, p. 12), sem desequilíbrio do sistema, ou seja, sem que as sistematizações sejam exclusivamente desconsideradas, dadas determinadas instâncias. Com essa percepção, há os estudos gramaticais - e entram, nessas nuances, as diferentes gramáticas -, por meio de suas classes, no centro da produção de sentido de acordo com cada instância de uso linguístico (Neves, 2010, p. 15).

Inserido nesse sistema, está o verbo tem suas gradações que vão muito além de noções paradigmáticas na identificação de pessoa, número, tempo e modo, por meio das desinências, as quais dão base para uma explicação seja tradicional, quando se fala da gramática normativa, ou dentro de uma gramaticalidade com projeção epilinguística. E, também, conforme Bechara (2001, p. 276), quando se projeta para a gramaticalização, lugar da temporalidade, em que os fatos transitam por dentro e por fora do personagem em um texto, por exemplo, quando consideramos não somente “o cálculo do significado, mas a produção de sentido” (Mari, 2008, p. 34). Essa classe de palavras teve sua origem entre os romanos (Ilari; Basso 2014, p. 65) e, como *verbum*, significava palavra ou “palavra por excelência”, o que muito confirma suas tão variadas flexões e sua relevante função e sentidos adquiridos em um contexto e transmitidos por meio dela.

Essa unidade lexical (Ilari, 2014, p. 66), tem, em sua função, a construção de sentenças (Benveniste, 2006, p. 70) que dão forma às orações, que também constroem os períodos. É que, segundo Ilari (2014, p. 66), “o verbo proporciona o que poderíamos chamar de Molde ou Matriz para a construção da sentença”. Entre suas propriedades, o verbo estabelece relações entre seres, individualiza um ser, torna-o partícipe de um evento, seja por fala ou ação. Desse modo, essa categoria de classe de palavras que se inscreve como uma classificação de ricas variações, destaca-se, assim, conforme referências gramaticais, como a classe que mais passa por flexões; a saber: pessoa, número, tempo, modo, e, ainda, por ela passam as vozes verbais e as formas nominais.

De acordo com Benveniste (2006, p. 69), o tempo se destaca como a forma linguística que mais ricamente revela experiências subjetivas. O verbo, como marcador temporal e imbricado a outros elementos, exprime essa temporalidade

e, assim, podemos situá-lo entre esses elementos linguísticos delineadores de uma cronologia que envolve circunstâncias diversas, desde as reminiscências e vivências de um personagem em uma narrativa, por exemplo, até as marcações cronologicamente demarcadas para realizações dos fatos, ainda que dentro de uma fixidez do calendário (Benveniste, 2006, p. 71). Como já enfatizado, as desinências verbais não são suficientes para situar os acontecimentos em um dado momento, marcando referência para a realização dos fatos. Nesse viés, asseveram Ilari e Basso (2014, p. 67):

Se nos voltarmos para as informações que o verbo transmite por meio de suas flexões, encontraremos sistematicamente algumas informações de tempo. [...]...quando os linguistas falam de tempo a propósito das desinências verbais, eles não pensam em tempo físico; também não estão à procura do tipo de informações que seriam normalmente encontradas em um calendário. Além disso, as desinências verbais pouco ou nada fazem para “medir” quantitativamente o tempo transcorrido. Mas tipicamente, os “tempos verbais” localizam os estados de coisas como simultâneos, anteriores ou posteriores ao momento de fala, ou a algum momento (diferente do momento de fala) ao qual o contexto linguístico deu saliência.

16

A citação acima reafirma o verbo como um dos indícios da temporalidade e que exerce um papel de interação entre os momentos de ocorrência dos fatos e os relaciona, conforme o instante em que se projetam, e não se limita à indicação de marco temporal definido a partir da realização dos eventos, ainda que seja por um viés morfológico. Dessa forma, ao se considerar o tempo em uma narrativa, por exemplo, podemos entender que “os tempos verbais contribuem para a narrativização, não mais apenas pelo jogo de suas diferenças no interior dos grandes paradigmas gramaticais, mas pela sua disposição na cadeia da narrativa”, conforme orientação de Ricoeur (2010, p. 105). O verbo, assim, tem seus desdobramentos temporais como forma, também, de adaptação para o decurso dos fatos.

O chicle condensa a noção de temporalidade que se traduz em eternidade. A experiência do tempo se equipara à experiência de mascar a bala eterna. O doce de colocar na boca marca o presente da experiência narrativa; a cor rosa, a inocência da eternidade; o presente que insiste no mastigar, na insistência de obedecer aos apelos da eternidade; o “puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto mais de nada”, a marca da doçura do rosa que desbotou. Na sequência dos momentos com o chicle, o tempo do presente, passado e futuro

e do para sempre se esconde na impossibilidade do e-foram-felizes-para-sempre.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exploração do tempo e da temporalidade na crônica *Medo da Eternidade*, de Clarice Lispector, em um nível semântico, em que se agregam a categorização gramatical e o sentido expresso pela palavra *chicle*, fez-nos perceber que a ideia de tempo transcende um enquadramento em terminologias gramaticais, em desinências e em caracterizações dadas e consumadas, a partir de uma fixidez ditada pela sistematicidade.

Diante dessas reflexões e pelas possibilidades de desdobramentos do tempo, compreendemos que a temporalidade revela as marcações de acontecimentos dos fatos dentro de uma perspectiva de tempo, que avança para outras nuances. E os momentos dos fatos não se identificam por meio apenas das designações de classe de palavras, da morfologia, mas também por marcas temporais relacionadas à linguagem simbólica. Diante dessa concepção, entendemos é o elemento simbólico que traz ao texto a noção de temporalidade.

Os termos que marcam o tempo situam os fatos em um determinado momento, que se relacionam com outros, retomando-os ou antecipando-os, por serem componentes coesivos com função dêitica. Entre eles, há o verbo, que, para Benveniste (2006, p. 74), é um termo consideravelmente expressivo na organização de um evento. Porém, a ideia-tempo está materializada na crônica em análise, *Medo da Eternidade* (Lispector, 1970) por meio do *chicle* que oferece a ilusão da eternidade no doce sabor do início. As marcações temporais se apresentam e se delineiam em combinação com outros elementos que expressam a noção de tempo e podem estar tanto nas desinências quanto em outras escolhas linguísticas.

Dessa forma, o tempo, neste artigo, está apresentado por meio de conceitos não somente sob o viés gramatical, mas também sob a ideia de temporalidade que se constrói nas recorrências dos fatos dentro da narrativa, em que constatamos o transcurso dos eventos que perpassam por simbologias representadas por um *chicle*, o qual, em sua durabilidade, vai delineando o tempo que parece se deter na infinitude. É como se esse marcador fosse sintoma de desgaste dos fatos.

Observaremos, no centro dos sentidos do tempo, não necessariamente o verbo, mas o que há de simbólico na experiência de marcar a bala eterna que não pode acabar. A noção de temporalidade dissolve a relação entre presente, passado e futuro. Há um tempo além que paira sobre os fatos experienciados pela protagonista. O que causa curiosidade nessa personagem é a duração do prazer da experiência e não o objeto saboreado. E esse desdobramento do tempo se engendra em suas atitudes, formando uma cadeia de sobreposições temporais, em que os fatos suscitam as oscilações emocionais a que ela está submetida. Essas oscilações são provocadas pelo medo do desconhecido, medo da eternidade, ou seja, da infinitude do tempo que, transferida à vida, paralisa as perspectivas dos mais variados sabores que a existência pode oferecer. Esse caráter apoteótico do tempo, na percepção da personagem, provoca nela um descompasso entre o avanço da vida, em sua progressão natural e a perpetuação daquilo de que ela precisava continuar gostando, mesmo que perdido estivesse o sabor.

REFERÊNCIAS

18

ABRAÇADO, J. O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal: propriedades e relações. São Paulo: Contexto, 2020.

ALMEIDA, S. [Sonia M. C. P. Mugschl]. A língua e a árvore: uma herança com chão e tempo. São Luís: EDUFMA, 2017.

BAKTHIN, M. M. Estética da criação verbal. 6. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins, 2011.

BECHARA, E. Gramática escolar da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.

BECHARA, E. Moderna gramática portuguesa. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BENTIVOGLIO, J.; ANDRADE, K. A. História e Sociedade: o uso de obras literárias como fontes históricas. Vitória: Editora Milfontes, 2023. 1v.

BENVENISTE, É. Problemas de Linguística Geral II. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes Editores, 2006.

ECO, Humberto. Os limites da interpretação. Tradução Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FIORIN, J. L. As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

ILARI, R. Introdução à semântica - brincando com a gramática. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ILARI, R.; BASSO, R; M. O verbo. *In*: ILARI, R. Palavras de Classe Aberta: Gramática do Português Culto Falado no Brasil. São Paulo: Contexto, 2014.

LISPECTOR, C. Medo da eternidade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 jun. 1970. Caderno B. p. 2.

MARI, H. Os lugares do sentido. São Paulo: Mercado das Letras, 2008.

MARTELOTTA, M. E. (org.). Manual de linguística. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

NEVES, M. H. de M. A gramática: história, teoria e análise, ensino: Editora UNESP, São Paulo, 2002.

NEVES, M. H. de M. A gramática: história, teoria e análise, ensino. São Paulo: Contexto, 2010.

NEVES, M. H. de M.; CASSEB-GALVÃO, V. C. Gramáticas Contemporâneas do Português: com a Palavra, os Autores Edvaldo Bechara. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PERINI, M. A. Defino minha obra gramatical como a tentativa de encontrar resposta às perguntas: por que ensinar gramática? Que gramática ensinar? *In*: NEVES, M. H. de M.; CASSEB-GALVÃO, V. C. Gramáticas Contemporâneas do Português: com a Palavra, os Autores Edvaldo Bechara... São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

RICOEUR, P. 1913- Tempo e narrativa (tomo 1). Tradução Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1994.

RICOEUR, P. Tempo e narrativa. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SANTO AGOSTINHO. Confissões. 2. ed. Tradução de Lorenzo Mammi. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2017.

TERRA, E. Leitura literária e conhecimento linguístico: caminhos que se entrecruzam. *In*: NASCIMENTO, J. V.; TOMAZI, M. M.; SODRÉ, P. R. Língua, literatura e ensino. São Paulo: Blucher, 2015.

TODOROV, T. Simbolismo e interpretação. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática: ensino plural. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

‘Enviado em 30 de outubro de 2024

Aprovado em: 04 de dezembro de 2024